



Geração dois mil e pouco¹

Psic. Carina Costelini Ispér

Editoria

Carina Costelini Ispér

contato@institutoinnove.com.br

Ao olhar para nossas crianças e adolescentes nascidos em dois mil e pouco, percebemos que estamos diante da geração mais preparada – e, ao mesmo tempo, da mais despreparada. Preparada do ponto de vista das habilidades para usar as ferramentas da tecnologia, despreparada por mal saber lidar com frustrações.

É uma geração que, em sua maioria, tem muito mais do que seus pais. Ao mesmo tempo, cresce com a ilusão de que a vida é fácil. Ganham tudo, sem ter de lutar por quase nada. E, por isso, desconhecem que a vida é construção. Não aprendem que antes do resultado existe um processo — muitas vezes longo e difícil. Não aprendem que para conquistar um espaço no mundo é preciso ralar muito: com ética e honestidade e não a cotoveladas ou aos gritos.

Da mesma forma que essas crianças crescem acreditando que é possível construir algo sem esforço, acreditam que é possível viver sem sofrer. Basta andar por esse mundo para ver os rostos de espanto das

crianças ao descobrirem que a vida não é como achavam. Expressão que, geralmente, logo muda para o emburramento. E o pior é que sofrem terrivelmente. Porque possuem muitas habilidades e ferramentas, mas não têm preparo para lidar com dor e decepções. Nem imaginam que viver é também ter de aceitar limitações – e que ninguém, por mais brilhante que seja, consegue tudo o que quer.

Muitos pais, nas melhores das intenções, passam a vida fazendo malabarismos para dar tudo aos filhos e protegê-los de todos os perrengues – sem esperar nenhuma responsabilização nem reciprocidade. Frustrar os filhos parece sinônimo de fracasso pessoal. Mas é possível uma vida sem frustrações?

Seria ótimo que os pais pudessem compreender que tão importante quanto um curso de línguas ou um Ipad é dizer de vez em quando: “Te vira, meu filho. Você sempre poderá contar comigo, mas essa briga é tua”. Assim como sentar para jantar e falar da vida como ela é: “Olha, meu dia foi difícil” ou “Estou com dúvidas, estou com medo, estou confuso”. Porque fingir que está tudo bem significa dizer ao seu filho que você não o respeita, já que o trata como uma pessoa incapaz de compreender a real matéria da existência. Falar sobre sentimentos – reais sentimentos – abre espaço para intimidade, confiança e maturi-

dade. Tem algo melhor do que isso no convívio familiar?

Apesar do fácil acesso a informações, alguns pais insistem que seus filhos merecem tudo simplesmente por existirem. Permitem muito, exigem pouco. Infelizmente, esses em breve irão se desesperar ao perceber que isso é uma ilusão e que a vida se responsabilizou por dar os “nãos” que não deram aos seus filhos. E o mundo nem sempre tem a delicadeza e o cuidado que os pais têm para dizer esses “nãos”.

Aos filhos, digo que quando descobrirem que deverão lutar para conquistar seu espaço no mundo, o melhor a fazer (ou, talvez, a única opção) é enfrentar. Pais e filhos juntos. E, de preferência, logo. Antes que as consequências sejam piores. E quando não der certo – porque com certeza vai dar errado muitas vezes – juntar forças e recomeçar. Aprender a suportar as frustrações.

Crescer é compreender que o fato de a vida ter obstáculos não a torna menor. Sim, a vida é insuficiente. Mas é o que temos. E é melhor não perder tempo se sentindo injustiçado, porque um dia ela acaba.

¹ Texto adaptado do original “Meu filho, você não merece nada”, de Eliane Brum, publicado na Revista Época.



Parceiros:

